

# EDITORIAL

Um inimigo discreto, mas feroz, do obscurantismo e da truculência autorizada é o espírito crítico. Nada melhor, então, do que abrir este número da *Magma* com o humorado “espírito de contradição” de Iná Camargo Costa (ou, como ela prefere chamar, “espírito de porco”), percorrendo em entrevista sua trajetória universitária, seus principais temas de pesquisa e também seu engajamento político e cultural.

Dos anos de formação em Letras e em Filosofia à atividade docente no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), da paixão pelo teatro dialético às atividades como assessora da Coordenação de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Iná sugere que o esforço em relacionar experiência estética e processo social não é apenas teórico – o que não é pouco em tempos de desqualificação da educação nacional e censura à cultura. Chave interpretativa de boa parte de seus trabalhos (desde sua dissertação sobre Dias Gomes ao já clássico livro *A hora do teatro épico no Brasil*), a dialética entre forma e conteúdo parece orientar certa postura prática. Exemplos disso são a escolha de “radicalizar as pistas de Anatol Rosenfeld” em sala de aula, dando preferência a obras que transitam entre os gêneros literários, ou mesmo a relação com os colegas do MST, com os quais relata ter aprendido uma “impressionante lição de camaradagem”.

\*

Além da entrevista com Iná, *Magma* apresenta os trabalhos de quatro pesquisadores na seção *Artigos*, composta por ensaios submetidos à revista. Em “O pacto de silêncio na estória de Maria Mutema”, Daniel Atroch (UniNorte) avalia a figura do duplo na estória de Maria Mutema dentro de *Grande sertão: veredas*, focalizando, entre outros aspectos, o que o autor denomina como “pacto de silêncio”. Já “Schwarz lê Brecht”, de Lindberg Filho (USP), mapeia como a mudança de opinião do crítico brasileiro a respeito do dramaturgo alemão, manifesta em dois artigos (um de 1982 e outro de 1999), ocorre de acordo com as diferentes conjunturas políticas nas quais Schwarz escreve seus textos. Ainda no âmbito dos trabalhos sobre a crítica literária brasileira, André Barbosa Macedo (UFPA) procura abordar questões de método quanto à leitura de ficção ao longo da obra de Antonio Candido em seu “De ‘Notas de crítica literária’ a ‘Quatro esperas’: Antonio Candido leitor de narrativas ficcionais”. Logo a seguir,

no artigo de Tereza Cristina Mauro (USP), “Amor *versus* Sociedade: as ‘noites de Romeu e Julieta’ e o mito de Don Juan na poesia de Castro Alves”, o leitor poderá acompanhar o exame da oposição entre amor e sociedade na poesia de Castro Alves, em diálogo com o mito de Don Juan e com a peça *Romeu e Julieta*. Aqui, a autora do trabalho, além de identificar a noite como cenário privilegiado para a realização amorosa, procura verificar de que modo tal diálogo contribui para uma concepção mais liberal do amor na obra do poeta baiano, em especial nos seus poemas abolicionistas.

Nos *Ensaaios de curso*, terceira seção de *Magma*, está publicada uma amostra dos trabalhos produzidos para as disciplinas de pós-graduação oferecidas pelo DTLCC durante os anos de 2017 e 2018. Abre a seção o ensaio de Lucas Mateocci Lopes, “Satã, o pacto e o sacrifício na literatura ocidental”, que propõe a leitura de um tema bastante antigo da literatura, o pacto demoníaco, mas a partir do conceito do sacrifício, como proposto por René Girard, buscando analisar a trajetória do personagem fáustico como representação da razão ocidental. Em seguida, Jorge Manzi Cembrano traz a público “Forma abierta en modo épico: una lectura de *Galáxias* desde la teoría de la novela”, artigo que examina atentamente a possibilidade de que a noção de “crise da identidade literária”, proposta em sua origem por Lukács e atualizada por Adorno, possa, para além de examinar as formas do romance, refletir a escritura épica no interior da modernidade capitalista. Além disso, Cembrano analisa as teorias do romance de Lukács, Adorno e Bakhtin, em interessante aproximação com o livro *Galáxias*, escrito por Haroldo de Campos. Na sequência, “A crise do romance segundo os ensaios e o conto ‘An unwritten novel’ de Virginia Woolf”, de José Pereira de Queiroz, explora os diferentes significados de *character* (termo intraduzível, conforme aponta o artigo) segundo os textos críticos de Virginia Woolf, comparando-os com o conto “An unwritten novel”. Retomando também textos essenciais sobre o romance de Lukács, Benjamin, McKeon e Ian Watt, Queiroz explora de que maneira o conto aborda o conteúdo dos ensaios de Woolf, demonstrando como essa obra de ficção simboliza, a sua maneira, a própria escrita e as próprias crises do romance. O *character*, elemento essencial para Woolf, que transmitiria vida à obra literária, pode ser, assim, tanto personagem ficcional (e sua exploração seria traço distintivo do romance enquanto gênero, segundo Woolf) quanto “um aspecto fundamental da experiência humana que guia nossas percepções uns dos outros” (sendo próximo da tradução como caráter, personalidade). O romance, segundo o ensaio, seria a forma que, justamente, transpõe essa realidade humana para o *character* ficcional. Em seguida, em “Crises e mutações do romance: um estudo de caso”, Luis Fernando Catelan Encinas, analisa as crises e mutações formais do romance contemporâneo a partir da análise de *Almoço nu* (1959), obra de William S. Burroughs.

No quinto trabalho da seção, Carla Lento Faria, autora de “A representação da Inglaterra e da Escócia em *The Expedition of Humphry Clinker*”, trata das diferentes representações da Inglaterra e da Escócia em *The Expedition of Humphry Clinker*, romance epistolar do escocês Tobias Smollett. O artigo indica como, a partir do estudo da pluralidade de vozes narrativas e da estrutura fragmentada do enredo, o romance reflete a instabilidade do gênero literário na periferia da Grã-Bretanha e expressa uma certa visão da nação britânica, multicultural e multinacional.

Em “Michel Butor, voz(es)”, Amayi Luiza Soares Koyano busca traçar relações entre a obra de Michel Butor e algumas teorias sobre a voz e analisa as técnicas de registro sonoro e tradução empregadas pelo escritor. Em seguida, a revista apresenta ainda o ensaio de Felipe Marcondes da Costa, que elabora interessante reflexão sobre escrita e corpo, enlaçamento posto em ação por Herberto Helder, de maneira a fazer ecos à arte performática em “Corpo, voz, cinema e performance no ‘Texto 1’, de *Antropofagias*, de Herberto Helder”.

Encerrando o terceiro segmento desta edição, há dois outros trabalhos: o de Sheyla Miranda, “Palíndromo fundamental: uma leitura de um poema de *Madam*, de Mirta Rosenberg”, que propõe a análise de um poema de Mirta Rosenberg conjugando elementos da crítica literária e da psicanálise; e, por fim, afinidades são reveladas entre o escritor brasileiro Osman Lins e o moçambicano Mia Couto por meio de duas breves narrativas no ensaio “Osman Lins e Mia Couto: o inusitado encontro nas alturas”, de Adilson Fernando Franzin.

\*

Integra ainda esta edição de *Magma* uma pequena lembrança do evento “Voz do Escritor”, organizado semestralmente pelo DTLLC, cuja proposta é a de apresentar, aos alunos de primeiro ano da graduação em Letras, autores que trabalhem e discutam os gêneros literários estudados nos dois semestres do ciclo básico: poesia, no primeiro, e conto/romance, no segundo. Publicado anteriormente em periódico impresso, o “Voz do Escritor” passa agora a integrar uma seção fixa da revista. Este número, portanto, compartilha algumas das experiências que ocorreram no primeiro evento “Voz do Escritor” de 2019, realizado no dia 22 de agosto no Auditório Milton Santos, na Faculdade de História e Geografia da USP, com a participação das poetisas Angélica Freitas e Marília Garcia. Depois de breves apresentações das pesquisadoras Fátima Ghazzaoui e Julia Pasinato Izumino, ambas do DTLLC, as duas poetisas conversaram com os alunos sobre seus processos criativos, compartilhando um pouco de suas próprias experiências e mesmo de suas poéticas. Abrimos a seção com uma apresentação sobre o evento, seguida dos textos de apresentação feitos por Fátima e Julia, além de alguns poemas lidos

pelas escritoras, que, muito gentilmente, cederam para a publicação deste número de *Magma* e a quem a Comissão Editorial da revista agradece a generosidade.

\*

Na parte final da revista, a seção *Criação* oferece aos leitores uma seleção de poemas de Samanta Esteves e Zainne Lima da Silva, seguidos pelo diário de Mikhael de Oliveira Simões e pelos contos de Jonatas Aparecido Guimarães, Renato Amado Barreto e Wellington Amancio Silva.

Em *Tradução*, a revista apresenta dois ensaios de Omar Pérez, escritor cubano da “generación de los ochenta”, importante grupo intelectual não só pela produção, mas pela proposta de uma discussão crítica da literatura cubana no período. No primeiro ensaio, “O intelectual e o poder em Cuba”, entra em voga um importante tema nos escritos de Pérez, a relação entre indivíduo e instituição, amparado no diálogo entre poesia e poder e no papel do escritor como intelectual. Em “Corpo, sombra, umbral”, novamente a poesia entra em foco pelo contato do poeta com a poesia, a partir da imagem, ou metáfora, do contato corporal. Os ensaios foram traduzidos por Pacelli Dias Alves de Sousa, que também assinou a apresentação de Pérez para a seção.

Esta edição publica também pela primeira vez *Biblioteca*, a relação de publicações feitas até hoje pela revista. O segmento objetiva servir como uma espécie de sumário permanente das edições da *Magma* no intuito de auxiliar a consulta dos leitores interessados e para eventuais pesquisas.

\*

A imagem de capa desta edição foi criada pela fotógrafa e artista plástica Léia Izumi. Após a realização de uma pesquisa iconográfica das representações do teatro épico, buscando referência nos seus elementos fundamentais, foram selecionadas algumas imagens pensando em diferentes composições através do processo de colagem. Por fim, optando por um recorte preciso, destacando as silhuetas que projetam alguns tipos de personagens e coro cênico, característicos desse teatro, sob iluminação teatral chegou-se a esta imagem final, que representa o jogo cênico entre as imagens e seus personagens.


\*

A Comissão Editorial da *Magma* faz aqui um registro importante: o agradecimento ao Professor Ariovaldo José Vidal pelo empenho para que o presente número pudesse se tornar de fato uma publicação. Sem o seu auxílio, a revista não chegaria às mãos dos leitores.

\*

Em 18 de agosto de 1938, Bertolt Brecht inquire em seu diário de trabalho se o leriam, no futuro, com o mesmo estarecimento com que ele lê naquele ano os poemas de Shelley e algumas antigas canções egípcias; se, mais tarde, seus leitores perguntariam se “já era tão ruim assim”<sup>1</sup>. Como a história não deu conta dos problemas do capitalismo de que Brecht trata em suas peças, Iná responde pela sua atualidade, pois em alguns casos “as coisas estão muito piores”. Que essa constatação não pouco dolorosa e em alguma medida cômica, assim como os textos desta edição, possa servir como incentivo a reflexões sobre o presente, como material para afiar o imprescindível espírito crítico de cada um.

Boa leitura!

Comissão Editorial da 

---

[1] BRECHT, Bertolt. *Diário de trabalho*. v. I. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 14.